

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli Leonardo José Rodrigues Nádia Vieira Simão Pâmela Natiele Pereira Bispo Viviane Ellen Araújo Pereira Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
<a href="#">Patricia Horta</a> <a href="#">Livia Bocalon Pires de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
<a href="#">Juliana Carvalho de Araujo de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>271</b>

## BLADE RUNNER E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO

### Roseli Gimenes

Pós Doutora em Comunicação e Semiótica (COS PUC/SP) com a pesquisa “Inteligência Libidinal”. Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - Processos Cognitivos e ambientes digitais - (TIDD PUC/SP). Mestre em Comunicação e Semiótica - Literaturas - (COS PUC/SP). Contato: [roseligi@icloud.com](mailto:roseligi@icloud.com)

**RESUMO:** Apontar as relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de: *Blade Runner* e *Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss. Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo. Não a Fantasia, mas a ficção científica. Nessa relação, os sintomas da cultura contemporânea com Lucia Santaella, *O corpo como sintoma da cultura*, e Yuval Harari com *Sapiens* e *Homo deus investigando* deificação, felicidade e imortalidade. O que obras e filmes mostrarão: o ser humano fabrica bonecos semelhantes a si na busca de eternizar sua imagem como os replicantes ou como o robô de *Inteligência Artificial*. Ao fim e ao cabo, a busca do desejo. Do desejo de ao menos continuar sonhando.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura de ficção, cinema, inteligência libidinal.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar as interações, convergências e conflitos entre as imbricações de literatura, cinema e psicanálise partindo do termo ‘inteligência’: artificial, emocional, coletiva, libidinal. Literatura e psicanálise mantêm relações bastante estreitas. A matéria básica de ambas é o elemento linguagem. Há uma fala e uma interpretação que as permeia. Há a cura, pela psicanálise, de um real sintomático que não se suporta mais pelas vias imaginárias. Como isso se dá? Por meio do simbólico. Em se falando, pode-se curar. Usando a linguagem. Assim, a literatura - pelo poeta - expressa-se no simbólico: no texto. Texto fala. Desde que Freud instaurou a psicanálise, ela vem permeando a análise de textos literários e a literatura tem dado contribuições generosas aos psicanalistas. E as relações entre cinema e psicanálise já começam pelo próprio escurinho do cinema: todas as imagens são grandes metáforas metonimizadas. Assim como no sonho: *flashes* metafóricos apontam um descondensar interminável de possibilidades de análise. Talvez o cinema possa ser a possibilidade do sonho de olhos abertos. Eis a soma das relações: literatura, cinema e psicanálise. Nessa relação, o estudo da semiótica psicanalítica que aponta, como

linha de pesquisa, as manifestações do inconsciente na contemporaneidade. Seu objeto de estudo são os sintomas da cultura, como apontado de acordo com Lucia Santaella em seu artigo de 2004, *O corpo como sintoma da cultura*, que compreende os processos de produção, de circulação e de consumo de significações na vida cotidiana, segundo o estilo de recalçamento próprio da presente época histórica. Os sintomas seriam os aspectos contraditórios do capitalismo global, que podem ser lidos, escutados e interpretados com o auxílio da semiótica aplicada e da psicanálise em extensão. A onipresença das mídias afeta a subjetividade, individual e coletivamente. O ser-no-mundo atual decorre da mediatização da existência, a ser entendida como um fenômeno irreversível, onde a tecnologia permite estruturar os processos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos de grande parte da população. Assim sendo, a realidade social construída pelos meios de comunicação define um campo de investigação privilegiado, pois ali se cruzam os aspectos simbólicos e imaginários da ideologia. Dentro das produções da indústria cultural, tem especial importância um tema abrangente, porém, específico. A sexualidade e suas representações, até pouco tempo atrás censuradas no Ocidente, fazem parte hoje das paisagens urbanas, de forma aberta. Tanta visibilidade, rapidamente integrada no dia a dia, na literatura, na propaganda, na televisão, no cinema, na internet, se apresenta como um fato consumado, a ponto de parecer banal. Mas nunca foi, nem poderia ser. Nessa indústria cultural insere-se o cinema como produção híbrida e que, desde *Metrópolis* (Fritz Lang, 1927) até o recente *Fragmentado* (M. Night Shyamalan, 2017) ou *Blade Runner 2049* (Denis Villeneuve, 2017), tem trabalhado as questões não apenas da sexualidade, mas a tecnologia hoje vista como inteligência artificial. As relações triádicas de literatura, cinema e psicanálise estão muito bem trabalhadas no primeiro *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982). Nesse filme nos deparamos com a base literária de Philip K. Dick, *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968). Não se trata de transposição literária para o cinema, mas de uma base - de fato - de argumento para o filme de Scott. Basta um olhar ao título da obra de Dick para a percepção de como o sonho, principal referente freudiano, perpassa a questão da inteligência humana para a percepção robótica. Como se dão esses sonhos, sim, é trabalho de análise psicanalítica. Semelhante caso é o do filme *A.I. Artificial Intelligence* (A. I. Inteligência Artificial título no Brasil e em Portugal), uma ficção científica de Steven Spielberg lançada em 2001, a partir de um projeto de Stanley Kubrick, sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. O roteiro criado por Spielberg foi baseado em um conto de Brian Aldiss chamado *Supertoys Last All Summer Long* (2001). Assim, são objetivos deste trabalho as relações frutíferas que a literatura gera em outros códigos, em outras linguagens, proporcionando aquilo que conhecemos como literatura comparada. Neste caso, especificamente, as relações entre literatura, cinema e psicanálise entremeadas pelos sintomas da cultura contemporânea, notadamente, a da Inteligência Artificial. Autores como Yuval Noah Harari, em suas recentes obras, *Homo Deus* (2015) e *Homo Sapiens* (2016),

apontam para o pensamento ético que se torna necessário neste momento. Dentro desse objetivo de relações que a literatura propõe, este trabalho marca a presença da psicanálise freudiana e lacaniana, assim como o cinema de trabalho envolvendo as questões da inteligência, notadamente a inteligência emocional, libidinal, artificial. Todas cabíveis em filmes ditos de ficção científica sem que necessariamente partam de obras literárias desse gênero.

O presente estudo começa por buscar os conceitos do que é inteligência, passando por observar mais profundamente o que é inteligência libidinal, caminhando por apontar as relações entre inteligência libidinal no cinema, para em seguida entrelaçar cinema, psicanálise e literatura de ficção e, finalmente, para tentar construir uma conclusão.

## ENTENDENDO O QUE É INTELIGÊNCIA

Discutindo o termo inteligência, no sentido educacional e de aprendizagem, é possível o trabalho com as teorias de Piaget (1958). Para Piaget, a inteligência só existe na ação. Inteligência é uma propriedade da ação que maximiza o seu poder adaptativo.

Para Vygotsky (1994), há conceitos que se tornaram incontornáveis na área do desenvolvimento da aprendizagem. Um dos conceitos mais importantes é o de Zona de desenvolvimento proximal, que se relaciona com a diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha (zona de desenvolvimento real) e aquilo que é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente (zona de desenvolvimento potencial), representado por: adulto, criança mais velha ou com maior facilidade de aprendizado etc.

E, para Chomsky (2006), a linguagem é como um instinto. Ele é o primeiro linguista a revelar a complexidade do sistema e talvez o maior responsável pela moderna revolução na ciência cognitiva e na ciência da linguagem. Antes, as ciências sociais eram dominadas pelo behaviorismo, a escola de Watson e Skinner, que não estudavam os processos mentais e rejeitavam a existência de ideias inatas.

Discutindo a questão da inteligência emocional, apenas para entender o conceito, as clássicas teorias de Daniel Goleman (1995), considerado o pai da Inteligência Emocional. Ele é um psicólogo, escritor e PhD da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. O especialista foi o responsável por popularizar o conceito da Inteligência Emocional em todo o mundo por meio do livro *Inteligência Emocional*, publicado em 1986. Goleman ensina que o controle das emoções é essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo.

Discutindo a questão da inteligência artificial, as teorias de John Searle (1984-1991) e Marvin Minsky (2006) são interessantes. A inteligência artificial nos interessa, particularmente, porque grande parte dos filmes analisados trata do tema.

Inteligência Artificial (IA) é um ramo da ciência da computação que se propõe a elaborar dispositivos que simulem a capacidade humana de raciocinar, perceber, tomar decisões e resolver problemas, enfim, a capacidade de ser inteligente.

Considerando o interesse deste trabalho, a teoria sobre inteligência libidinal, no entanto, é a que nos interessa.

## INTELIGÊNCIA LIBIDINAL

Na questão da psicanálise em relação à inteligência, as teorias psicanalíticas de Freud (1975) e Lacan (1983) são o foco deste trabalho. Freud foi de fato um dos primeiros pesquisadores nas ciências cognitivas e um cognitivista consequente. O desconhecimento do interesse de Freud pelo pensamento e pelos fenômenos cognitivos levou seus sucessores a procurar, em diferentes autores, complementos àquilo que faltava nele. As tentativas de articulação ou de integração da teoria de Piaget à psicanálise situam-se nesse horizonte. São destinadas a permanecer como sínteses artificiais e ecléticas enquanto evitarem colocar claramente a questão das relações iniciais da psicologia de Piaget com a psicanálise. Essas relações foram bastante confirmadas, mas são como que recalçadas.

Particularmente, a questão de haver uma inteligência libidinal é estudar obras de Freud e Lacan – citadas – sobre o tema da libido. O que é libido? A palavra libido é de origem latina e significa desejo ou anseio. A libido é caracterizada como uma energia aproveitável para os instintos de vida. Segundo os estudos de Freud o ser humano possui uma fonte de energia distinta para cada um dos instintos gerais. Para Freud, a produção, o aumento, a diminuição, a distribuição ou o deslocamento da libido proporciona a possibilidade de se explicar os fenômenos psicosssexuais. A mobilidade é uma característica importante da libido, entendida como a facilidade de alternância de uma área de atenção para outra. Na área do desejo sexual a libido vincula-se a aspectos psicológicos e emocionais. A energia relativa aos instintos de agressão ou de morte não possuem uma denominação específica como a libido (instinto da vida). Essa energia supostamente tem os mesmos atributos da libido, porém Freud não chegou a elucidar essa questão. Ao estudar e definir o conceito de libido, Freud também definiu a catexia. Para esclarecer o que é a libido, Lacan, em dado momento do seu ensino, recorre à criação do mito dito da lâmina. É nesses termos que precisa o problema: a libido não é nenhuma coisa de fugaz, de fluido, ela não se reparte, nem se acumula, como um magnetismo, nos centros de focalização que lhe oferece o sujeito; a libido deve ser concebida como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento. Considerar a libido como um órgão, mesmo em referência à significação do falo, obriga a tomar algumas precauções. Lacan dirá que se trata de um órgão inapreensível ou de um falso órgão, mas essencial para compreender a natureza da pulsão. Como órgão, a libido é irreal. Irreal, previne Lacan, não é de modo algum imaginário. O irreal define-

se por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente isso que exige que a sua representação seja mítica, como a fazemos.

Considerando as relações entre inteligência e libido, o trabalho segue - em que pese explicar que a inteligência libidinal exigiria aprofundamento teórico<sup>1</sup> para especificar as relações entre a inteligência libidinal e o cinema, objetos cinematográficos que estudamos aqui.

## INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E O CINEMA

Para a análise dos filmes *Blade Runner* e *Inteligência Artificial* observamos a semiótica e a psicanálise, levando em conta a obra de Lucia Santaella (2001) e de Christian Dunker e Ana Lucília Rodrigues (2016) Christian Dunker, Ana Lucília Rodrigues e Henrique Senhorini (2016). Santaella diz que assim como no cotidiano encontramos comumente signos em que há misturas entre as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade – sendo raro o signo genuíno com uma delimitação clara de uma única categoria – também as linguagens híbridas são predominantes em detrimento das linguagens puramente sonoras, visuais e verbais. Ana Lucília explica que se há uma analogia entre o que acontece na vida e o que acontece nos filmes, há uma homologia entre o que acontece nas construções dos filmes e o que acontece na sessão psicanalítica. Uma homologia na relação de produção. É a biologia comparada que possui o conceito de homologia que significa algo igual, mas diferente, igual porque compartilha uma origem evolutiva comum, diferente porque passou por um processo de evolução. Em síntese, homologia quer dizer semelhança de estrutura e de origem. Os problemas representados pela edição, montagem, roteiro, escolha de enquadres, planos e sequências, definição de trilhas e filtros não constituem apenas um como se analógico ou alegórico, que nos permitiria dizer que a experiência do tratamento psicanalítico é como um filme, no sentido em que se poderia dizer que ela é como uma viagem, como um jogo de xadrez ou de *bridget* ou como um teatro.

Não se pode esquecer que a linguagem do cinema é contemporânea à linguagem do cinema, ambos são filhos do século XX. O cinema entendido como campo de formação de problemas formais sobre a subjetividade e como linguagem, narrativa e discurso sobre suas modalidades de sofrimento. A psicanálise entendida não só como teoria do funcionamento psíquico, mas como método clínico de tratamento e experiência ética de transformação. A articulação entre cinema e psicanálise leva a procedimentos clínicos inerentes à escuta psicanalítica. A contemporaneidade histórica dessas linguagens apresenta características específicas que permitem pensar criticamente seus conceitos.

---

1. A questão do estudo sobre Inteligência Libidinal é foco do pós doutoramento em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo de Roseli Gimenes. Significa dizer que a inteligência libidinal está em fase de construção teórica.

Cinema e psicanálise teriam muito a dizer. A psicanálise se serve da ficção cinematográfica. O cinema pensa criticamente a linguagem psicanalítica. Significa dizer que o cinema em sua relação com a psicanálise trabalha também, portanto, a inteligência, os signos de linguagem, no caso, a inteligência libidinal.

Os filmes aqui estudados levam-nos a pensar em inteligência libidinal. Ambos são obras de ficção, no sentido da ficção científica. Tratam de temas, sim, do nosso tempo, caso da inteligência artificial. Convivemos com portas de geladeiras com inteligência artificial. Com luzes que se acendem a comandos de voz. Sistemas que funcionam por retinas. O que chamamos de internet das coisas (IoT), uma rede de objetos físicos, veículos, prédios e outros que possuem tecnologia embarcada, sensores e conexão com rede capaz de coletar e transmitir dados. Vale dizer, então, que os filmes que estudamos abordam temas estudados pela ciência, mas não totalmente comprovados à época de sua elaboração e praticados no cotidiano. A IoT é uma realidade cotidiana, mas quando esses filmes foram realizados ainda eram temas tratados utopicamente e também com base em obras literárias de ficção científica. Sabemos que a ficção científica antecipa muitas das práticas que em futuro próximo se realizam. Nesse sentido, *Blade Runner* é de 1982 e aponta seres humanos em busca de replicantes, ou seres sintéticos, criados à semelhança humana que se rebelam em dado momento. Na década de 80 a inteligência artificial já era estudada há pelo menos trinta anos, mas não significa que replicantes fossem reais. Ainda que *Inteligência Artificial*, de Spielberg, seja de 2001, bem mais recente, aborda a criação de robôs à semelhança humana. Sim, eles existiam nos anos 2000, mas não dotados de inteligência, diríamos libidinal, e emoção como humanos são.

## INTELIGÊNCIA LIBIDINAL, CINEMA E LITERATURA DE FICÇÃO

Se retomarmos os conceitos acima, é possível estabelecer uma triádica relação: semiótica(signos - linguagem)psicanalítica(libido), cinema (objetos de estudo fílmicos) e a literatura de ficção. Partindo do princípio de que já abordamos o termo inteligência e sua relação com a psicanálise e o cinema, tratamos agora de relacionar ambos à literatura. No caso, a literatura de ficção.

A semiótica, parece evidente aqui, é a ciência dos signos e, portanto, analisar um filme significa analisar uma linguagem cinematográfica, um signo. Esse signo é percebido pela comunicação, por sintomas que provoca, pela sensação de, estando em uma sala de projeção, uma sessão psicanalítica. Esse escuro do cinema e esse escuro lugar da análise. Nessa análise, o investigar da inteligência da libido, da inteligência envolvida com o desejo.

Particularmente, são filmes de ficção científica, mas que trabalham essa questão de saber quem somos, o que é feito de nós no olhar de um outro. Esse outro um replicante ou um robô. De que desejos falam? Não será desejo essa literatura de

ficção científica? Um projeto futuro de exploração de nossos desejos? Um sintoma da cultura de nossos tempos, de todos os tempos.

Esses dois filmes partem de obras literárias também elas de ficção científica. Afinal, o que é uma ficção científica? Carl Freedman (2000) traça as relações fundamentais e principalmente não examinadas entre os discursos da ficção científica e da teoria crítica, argumentando que a ficção científica é (ou deveria ser) um gênero privilegiado para a teoria crítica. Ele afirma que não é por acaso que o aumento do interesse acadêmico em ficção científica desde os anos 1970 coincide com o auge da teoria literária e que, do mesmo modo, a ficção científica é uma das áreas mais teoricamente informadas da profissão literária. As leituras ampliadas de romances de cinco dos mais importantes autores modernos de ficção científica ilustram a afinidade entre a ficção científica e a teoria crítica, concentrando-se em cada caso em um grande romance que ressoa com preocupações próprias da teoria crítica. Já dissemos, a ficção científica se baseia em grande parte em escrever sobre mundos, futuros e cenários alternativos possíveis e de maneira racional. Diferentemente da fantasia, no contexto narrativo da ficção científica encontramos elementos imaginários, inspirados em fatos reais ou do passado, que estão cientificamente estabelecidos ou postulados por leis e princípios científicos, ainda que o enredo permaneça imaginativo.

O filme *Blade Runner* (1982) é inspirado, baseado, no romance *Do androids dream of electric sheeps* (1968), de Dick. O autor colocou à obra o subtítulo *Blade Runner - perigo iminente* que remete imediatamente ao título do filme de Scott. Trata-se, quase como no filme, de um caçador de andróides em crise moral. É um romance de ficção científica do escritor norte-americano Philip K. Dick, publicado pela primeira vez em 1968. O romance é ambientado em uma pós-apocalíptica São Francisco em que a vida terrestre foi bastante prejudicada pela guerra nuclear global. A maioria das espécies animais está ameaçada ou extinta por envenenamento por radiação extrema, de modo que possuir um animal é agora um sinal de status e empatia, uma atitude encorajada em relação aos animais. O enredo principal segue Rick Deckard, um caçador de recompensas, que é encarregado de aposentar, matar, seis andróides modelo Nexus-6 que escaparam. Uma trama secundária segue John Isidore, um homem que auxilia os andróides fugitivos. Em conexão com a missão de Deckard, o romance explora a questão do que é ser humano. Ao contrário dos humanos, diz-se que os andróides não possuem empatia. Muito se especulou a respeito do personagem (Deckard) no sentido de que ele se apaixonaria pela replicante com quem trabalha o que sugere ao novo *Blade Runner 2049* - também baseado no livro - (2017), de Denis Villeneuve, essa ideia de um filho do casal. A criança surgida de humano e não humano que sobrevive como a escolhida que deve ser caçada porque prova a falha do sistema.

*Inteligência Artificial* (2001), de Spielberg, também tem como base a obra *Supertoys last summer long and other stories* (2001), de Brian Aldiss, publicada

inicialmente em 1969, contemporânea à obra de Dick. A obra de Aldiss ocorre em um futuro distópico em que apenas 1/4 da população superlotada do mundo é alimentada e vive confortavelmente, as famílias devem pedir permissão para ter filhos. Monica Swinton vive com seu marido Henry e seu filho David, com quem ela se esforça para se relacionar. Ela procura ajuda de Teddy, uma espécie de companhia de brinquedo robô, para tentar entender o porquê ela se sente incapaz de se comunicar com David, muito menos sentir compaixão por ele. David também pergunta a Teddy se sua mãe realmente o ama e se pergunta se ele é realmente real. Ele tenta escrever cartas para explicar como se sente em relação à mãe e ao conflito interno que enfrenta, mas todas as suas cartas permanecem inacabadas. Enquanto isso, a história salta para Henry Swinton, que está em uma reunião com uma empresa da qual ele é associado, conhecida como Synthtank. Eles estão discutindo formas de vida artificial e seres bio-eletrônicos para desenvolvimentos futuros. Ele discute que a nova IA (Inteligência Artificial) sob produção finalmente resolverá os problemas da humanidade com a experiência de isolamento pessoal e solidão. Monica Swinton descobre as cartas inacabadas de David que retratam falas sobre amor e um ciúme de desprezo por Teddy, a quem Monica sempre pareceu se conectar mais do que com o próprio David. Mônica fica horrorizada com as cartas, mas feliz quando Henry chega a casa e ela é capaz de compartilhar com ele que a família foi escolhida pelo Ministério da População para dar à luz uma criança. Nesse momento revela-se que David é um humano artificial, usado como substituto de uma criança real. Monica confidencialmente diz a Henry que David está tendo problemas verbais de mau funcionamento e deve ser enviado de volta à fábrica imediatamente. A história termina com David pensando no amor e no calor de sua mãe, inconsciente do que vai acontecer a seguir. O menino -robô- é abandonado e o irmão natural passa a ter o amor da mãe, amor que é o maior desejo de David.

As duas obras, assim como os dois filmes, apontam na direção de um tema caro: o desejo. Em ambos, há personagens buscando o desejo. Seja o desejo de ser amado do menino-robô, David, seja o desejo de encontrar a moral perdida que também se revela na busca de um amor. David e Deckard não se importam com a inteligência artificial de que são providos ou que povoa os replicantes. Ambos desejam uma outra inteligência que leve ao amor: a inteligência libidinal. Humana ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, como Harari (2016) preconiza, o ser humano buscará a deidade, a felicidade e a imortalidade. Assim, o ser humano, à semelhança divina, quer tornar-se deus, não apenas estar à semelhança. Momentos de felicidade já não bastam aos seres, ele quer ser sempre e eternamente feliz. Pensa que sendo deus isso será possível.

A imortalidade de espelhar-se em criação de obras, do fato de ter filhos ou de plantar uma árvore também não mais o satisfaz. Ele quer exatamente a imortalidade de seu corpo, quer fugir à morte. Busca essas três coisas, esses desejos, com base na inteligência. O ser é inteligente para criar o impossível. O impossível, evitar a morte, ser feliz, ser deus. Deuses, já o tentaram ser os povos antigos, como os egípcios que assim se designaram com toda sorte de felicidade que os deuses possuem. Bens, tudo o que se pode obter. Imortalidade em túmulos que os cobriram. Mas seus corpos pereceram, ainda que considerassem que haveria continuidade da vida no além túmulo e, por isso mesmo, levaram para sua última morada terrena muitos bens e seus escravos que os serviriam nessa outra vida. No entanto, para a ciência de até então, seus corpos mumificados pereceram. Eis o atual Egito para mostrar que esses deuses não retornaram e a riqueza que detinham virou pó. Então, a inteligência de que dispunham não lhes proporcionou o resultado que seus desejos buscavam. No século XXI, porém, a inteligência agora tomada como artificial poderia dar conta desse desejo de real imortalidade, deidade e felicidade?

Se tomarmos a ficção científica, que sempre tem base no conhecimento – ou na inteligência – de sua época, voltamos os olhos ao cinema, especificamente, aquele cinema de ficção que vai a busca desses desejos de imortalidade, deidade e felicidade, podemos pensar que a inteligência artificial poderá nos prover de tudo isso? Mesmo os mais antigos filmes baseados nos quadrinhos da ficção que criaram os super heróis estão nessa busca. Mas sempre algo escapa, falha. Vejamos, o super homem é imortal desde que não se choque com a criptonita. É um deus capaz de tudo. E a felicidade? Ele não a tem porque só a obtém em poucos momentos na figura de seu homônimo humano, Clark Kent. É deus, é imortal, mas é infeliz em sua solidão. Para completar o trinômio, todos os demais teriam que ser também imortais e deuses, mas a unicidade também é um tanto a felicidade de saber-se o único na espécie. Quanto de inteligência artificial será necessária? Para todos? Se é verdade possível que poderemos transformar com máquinas qualquer condição de água em potável, se poderemos construir campos verticais com uma agronomia inteligente, se a medicina preventiva nos salvará com nanos robôs de todos os males, qual será a vantagem em ser extremamente feliz se todos os outros também o forem?

Finalmente, não seria talvez interessante que a inteligência emocional ou artificial se voltassem à inteligência libidinal? O que seria essa inteligência, se ela o fosse? Como daria conta, se é que precisaria dar conta, de nossos desejos de deidade, imortalidade e felicidade? Como seria um robô com sua inteligência artificial se nele se concebesse uma inteligência libidinal? O filme *AI Inteligência Artificial* dá-nos uma pequena amostra quando apresenta um menino – máquina- brinquedo que, exatamente, sofre ao se deparar com tantos outros iguais a ele no laboratório de seu criador. Ele diz, “eu sou um menino!”. Todos os demais dizem a mesma coisa. O encanto, ainda que passageiro, ser-lhe-á dado a um toque de magia da fada azul. Um ínfimo momento de prazer com a mãe que o toma como seu menino e lhe diz,

“eu te amo”. Eis a energia da libido. Como tê-la? Como ter essa inteligência libidinal?

## REFERÊNCIAS

ALDISS, Brian. **Supertoys last all summer long and other stories**. United Kingdom: St. Martin's Press, (1969) 2001.

ALVES, Gabriel. A inteligência superior. Quando irá a máquina superar os humanos? **Jornal Folha de São Paulo** (Caderno Ilustríssima), 17 abr. 2016, p 4.

BODEN, Margaret A. What is artificial intelligence? In: **Artificial intelligence and natural man**. Brighton, UK: Harvester, 1977.

BOSTROM, Nick. **Superintelligence-paths, dangers, strategies**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CESAROTTO, Oscar. “Cultura e repressão”. Recalque a partir de Freud, Reich e Lacan, e os aparelhos ideológicos do Estado, ou Cultura. **Conexão Lacaniana**. Disponível em: <[https://www.google.com.br/#q= “Cultura+e +repressão ”.](https://www.google.com.br/#q=Cultura+e+repress%C3%A3o)+Reca lque+a+p artir+d e+Freud,+ Reich+e+Lacan,+e+os+aparelhos+ideol%C3%B3gicos+do+Estado,+ou+Cultura.+Conex%C3%A3o+Lacaniana>. Acesso em: 29 de março de 2016.

CESAROTTO, Oscar. **Idéas de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Language and mind**. University Cambridge: New York, 2006.

DIAS, Miguel Patinha; PEREIRA, Elsa. **Literatura ensinará robots os fundamentos do comportamento humano**. Disponível em: <[https://www.noticiasaoiminuto.com/tech/546613/ literatura-ensinara-robots-os-fundamentos-do-comportamento-humano](https://www.noticiasaoiminuto.com/tech/546613/literatura-ensinara-robots-os-fundamentos-do-comportamento-humano)>. Acesso em: 7 de março de 2016.

DICK, Philip K. **Do androids dream of electric sheep?** New York: Ballantine Books. Publicado inicialmente em *Phillip K. Dick: Electric Shepard*, Norstrilla Press, 1968.

DUNKER, Christian; RODRIGUES, Ana Lucília. **Cinema e Psicanálise – História, Gênero e Sexualidade**. São Paulo: Editora Nversos, 2016, (v 5).

DUNKER, Christian; RODRIGUES, Ana Lucília; SENHORINI, Henrique. **Cinema e Psicanálise – Afetos em Cena**. São Paulo: Editora Nversos, 2016, (v 6).

FELINTO, Erick. Os computadores também sonham? Para uma teoria da cibercultura como imaginário. **Intertexto**, Porto Alegre, UFRGS, v.2, n. 15, p 1-15, jul dez 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4257>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

FERNANDES, Anita Maria da R. **Inteligência artificial: noções gerais**. Florianópolis: Visual Books, 2003.

FREEDMAN, Carl. **Critical theory and science fiction**. Connecticut: Wesleyan University Press, 2000.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia de la vida cotidiana. **Obras Psicológicas completas**. vol 6. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S.; BULLITT, W.C. **Thomas Woodrow Wilson, um estudo psicológico**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIMENES, Roseli. **Inteligência Libidinal**. Palestra Café Lacaniano. Livraria da Vila, loja Fradique. 2 de abril de 2016.

GIMENES, Roseli. **Psicanálise e Cinema**. O cinema de Almodóvar sob um olhar lacanianamente perverso. 2a. edição. São Paulo: Scortecci, 2012.

GIMENES, Roseli. **Sam and the Chinese Room**. In: ICAI 2015. ARABNIA, H. R *et al* (Editors). vol II, Las Vegas, NV, USACSREA. Press, 2015. pp 427-432. Disponível em: <<http://www.worldacademyofscience.org/worldcomp15/ws/conferences/icai15.html>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

GIMENES, Roseli. **Inteligência libidinal. Como seria se fosse?** Projeto de pós doutoramento em desenvolvimento sob supervisão de Oscar Cesarotto no programa de Comunicação e Semiótica da Puc de São Paulo.2018.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GONZAGA, Yuri. **Android cria rival 'inteligente' do WhatsApp**. Jornal Folha de São Paulo (Caderno Mercado), 18 mai. 2016, p A22.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2016.

JOHNSON, Steven. **Como chegamos até aqui?** A história das inovações que fizeram a vida moderna possível. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KURZWEIL, Ray. **The age of Spiritual Machines**. New York: Viking Press, 1999.

LACAN, Jacques. Psicanálise e Cibernética. In: **Seminário 2 - O eu na teoria e na prática da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 2a. edição. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

MINSKY, Marvin. **The emotion machine**. New York: Simon & Schuster, Touchstone Book, 2006.

MOGNON, Mateus. **Microsoft se desculpa por criar robô que aprendeu a ser racista e misógino com a internet**. Disponível em: <<http://adrenaline.uol.com.br/2016/03/26/41130/microsoft-se-desculpa-por-criar-robo-que-aprendeu-a-ser-racista-e-misogino-com-a-internet/>>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

NOTH, Winfried. Máquinas semióticas. **Galáxia** 1: 51-73, 2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1057/694>>. Acesso em: 9 de julho de 2016.

NOTH, Winfried. Os signos como educadores. Insights peirceanos. **Teccogs: Revista Digital de tecnologias cognitivas**. n. 7, jan-jun, 2013. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao\\_completa/teccogs\\_cognicao\\_informacao-edicao\\_9-2014-completa.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_completa/teccogs_cognicao_informacao-edicao_9-2014-completa.pdf)>. Acesso em: 29 de março de 2016.

NOVAES, Adauto (org). **O homem máquina**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PENROSE, Roger. **A mente nova do rei**. São Paulo: Campus, 1997.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. São Paulo: Fundo da Cultura, 1958.

ROBINSON, Gregory; RIEGLER, Bridget. **Cognitive psychology**. Applying the science of the mind. Boston, MA: Pearson, 2004-2009.

ROBINSON, William S. The Turing Test. In: **Computers, minds & robots**. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1992.

SALINAS, Fernando. **Palestra sobre o filme 2001: uma odisseia no espaço**. CELP FFLCH USP, 2016.

SANTAELLA, Lucia *et al.* Desvelando a internet das coisas. In: **Revista Geminis**. UFSCAR, São Carlos, SP, ano 4, v 1, n 2, 2013.

SANTAELLA, Lucia; LEVY, Pierre. **Imaginando o futuro da inteligência coletiva**. Disponível: <<http://portal.eusoufamecos.net/imaginando-o-futuro-da-inteligencia-coletiva/>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**. Sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Novos desafios da comunicação**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Lucia.pdf>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

SAORIN, Diana. **Inteligência Artificial através da história do cinema**. Disponível em: <<http://br.blogthinkbig.com/2015/06/14/inteligencia-artificial-atraves-da-historia-do-cinema/>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

SCHANK, Roger C; ABELSON, Robert P. **Scripts, plans, goals and understanding**. An inquiry human knowledge structures. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers, 1977.

SCHANK, Roger C; KASS, Alex. Knowledge representation in people and machines. In: ECO, Umberto; *et al* (Eds). **Meaning and mental representations**. Indianapolis, IN: Indiana University Press, 1988.

SEARLE, John. Can computers think? In SEARLE, J. **Minds, brains and science**. London: Penguin, 1984-1991.

SEARLE, John. **Mente, cérebro e ciência**. Lisboa: Edições 70, 1984.

SEARLE, John. Minds, brains and programs. In: BODEN, Margaret A. **The philosophy of artificial intelligence**. Oxford: Oxford University Press, 1990-2005.

SORDI, Regina Orgler. **A contribuição da inteligência: Uma abordagem psicanalítica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a07v18n3.pdf>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

STRATHERN, Paul. **Turing and the computer**. Londres: Arrow Books, 1997.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Inteligência artificial: uma odisseia da mente**. São Paulo: Paulus, 2009.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Peirce, os signos e a inteligência artificial**. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/peirce-e-a-inteligencia-artificial.html>>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

TELLES, Sérgio. **O psicanalista vai ao cinema**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WATSON, John B. **Behavior: An introduction to comparative psychology**. New York: Holt, 1914

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962